

Análise do desempenho brasileiro no mercado internacional de carne bovina (Analysis of the Brazilian performance in the international market of bovine meat)

Cassiano Costa Silva¹, Anderson de Moura Zanine², Viviane Silva Lírio³

¹Zootecnista Bolsista de Apoio Técnico, UENF, RJ.

cassianocs@yahoo.com.br

²Doutorando em Zootecnia, UFV, Viçosa, MG, Bolsista do CNPq.

Anderson.zanine@ibest.com.br

³Professora do Departamento de Economia Rural, UFV, MG, Viçosa.

vslirio@ufv.br

Resumo

Considerando que o agronegócio é um dos principais setores em crescimento no país, o que se reflete no comércio externo, sua importância torna-se evidente no avanço para os mercados internacionais. O Brasil para torna-se uma nação de competição internacional, vem aperfeiçoando a qualidade e elevando a quantidade de carne produzida, através de investimentos em segurança alimentar, qualidade das carcaças, rastreabilidade, produção de boi em sistema menos agressivo ao meio ambiente e à própria saúde humana, além de outros. Dentre os países que compõem o mercado internacional do agronegócio da carne como: EUA, Austrália, Índia, Nova Zelândia, Argentina, Canadá, Rússia, Japão, México, Coréia, etc., alguns apresentam uma boa perspectiva de crescimento, mas o Brasil encontra-se diante de previsões otimistas de exportação, indicando que possivelmente continuará como maior produtor de carne bovina mundial.

Palavra chave: agronegócio, carne, divisas, mercado.

Abstract

Regarding that agribusiness is one of main sections in growth in the Brazil, what is reflected in the external trade, its importance becomes evident in the progress of international markets. To become itself a nation of international competition, Brazil needs improving quality and amount of produced meat, through investments in alimentary safety, quality of the carcasses, rastreabilidade, cattle production in less aggressive system to the environment and human health, besides other. Regarding the countries that compose the international market of agribusiness of the meat as: USA, Australia, India, New Zealand, Argentina, Canada, Russia, Japan, Mexico, Korea, etc. some present a good perspective of growth, but Brazil present optimistic forecasts of export, indicating that possibly will continue as larger producing of world cattle meat.

Key word: agribusiness, meat, exchange value, market.

1. Introdução

O agronegócio brasileiro se tornou nos últimos anos um grande atrativo no setor mundial de produção de alimentos. Com um Produto Interno Bruto de 2004, em 154,91537 bilhões, referente à participação da agropecuária - segundo a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) (2005) e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (CEPEA/USP) (2005), setores do agronegócio nacional como o complexo de carnes e soja, vêm desempenhando papéis importantes na pauta de exportações do país e injetando novos dividendos para a balança comercial.

O setor de carnes no Brasil modificou-se radicalmente nas últimas décadas. A pecuária bovina, apesar de ainda não incorporar tão rapidamente as novas tecnologias de produção e gestão, tem evoluído significativamente, com aumento da produtividade do rebanho e modernização de muitas empresas rurais.

Estes avanços foram resultados de mudanças no mercado consumidor de alimentos e mudanças da própria economia. Diferentemente da situação das décadas de 50 e 60, em que a demanda era maior que a oferta, a partir de meados dos anos 70, a situação se inverteu. As empresas podiam oferecer muito mais produtos do que o mercado poderia absorver, ou seja, a oferta é maior que a demanda.

Nos dias de hoje o mercado vive em torno de atender às necessidades e o gosto do consumidor. E isso influencia toda a cadeia produtiva, acarretando mudanças nas características do rebanho nacional e também do rebanho mundial (Sarantópulos, 2001; Oliveira et al., 2003).

O objetivo do trabalho é analisar o desempenho brasileiro no mercado internacional de carne bovina. Enfatizando as múltiplas ferramentas para o sucesso neste agronegócio.

2. Contextualização

A pecuária de corte é o segmento no setor de carne em que a integração formal entre empresas rurais e agroindústria é menos avançada. Questões estruturais e históricas da produção neste setor dificultam esta integração. Entretanto, a importância do relacionamento mais eficiente entre os componentes deste complexo de produção pode ser comprovada pelos efeitos sentidos por todos os elementos da cadeia na questão, por exemplo, da febre aftosa. A impossibilidade de exportação em certas regiões penaliza desde os fabricantes de ração, passando pelos produtores chegando até aos setores de transporte e embalagem, ou seja, este problema que ocorre em propriedades rurais diminui a rentabilidade de praticamente toda a cadeia de produção (Aruda, 1998).

O aumento das exigências dos consumidores deve ser visto não só como mais um elemento que aumenta a complexidade da produção agrícola, mas também como oportunidade de negócios e conquista de mercados. O setor de carnes brasileiro está atento a estas alternativas. Recentemente, em uma feira internacional de produtos alimentícios na Alemanha (ANUGA) foram divulgadas informações de marketing relacionadas à carne verde (boi produzido exclusivamente a pasto). Esta iniciativa busca ocupar um segmento de

mercado nos quais os consumidores estão preocupados basicamente com a qualidade do produto e o encarecimento do processo de produção é compensado por uma melhor remuneração do produto final.

A preocupação com a eficiência de toda a cadeia de produção reforça a relevância do agronegócio. Neste enfoque, as inter-relações entre os componentes de uma cadeia de produção assumem destaque na análise. No agronegócio, ou seja, a soma da produção de insumos, produção agrícola, transformação e distribuição ocorrem fluxos de materiais e o de informações. A importância do primeiro fica evidente quando utilizamos como exemplo uma grande integração. A empresa Sadia, S. A., por exemplo, conta com cerca de 12 mil fornecedores, ficando evidenciada a complexidade logística em adequar a entrega de matéria prima com a produção industrial. Mesmo abatedouros regionais, no caso da pecuária de corte, podem receber matéria prima de milhares de produtores rurais. A importância do fluxo de informações que ocorre no agronegócio pode parecer, a primeira vista, de menor importância, mas é exatamente a eficiência na troca de informações que permite alcançar níveis de eficiência adequados nos processos produtivos e de logística, (Silva Jr., 1999).

Hoje, mais que antigamente, o consumidor busca serviços de confiança, alimentos saudáveis produzidos segundo os conceitos de sustentabilidade, respeito ao meio ambiente e bem estar animal. Mediante a uma pressão mundial dos consumidores em relação à melhoria e garantia dos produtos de consumo, principalmente os de origem animal, os organismos governamentais e não governamentais foram obrigados a instituir leis que regulamentassem os processos produtivos.

Vários mecanismos estão sendo criados para responder a essas novas exigências do mercado. Para se adequar a estas novas exigências e manter-se competitivo no mercado mundial de carne bovina a partir de Janeiro de 2002 o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento do Brasil instituiu, por meio de instrução normativa, o Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de origem de carne bovina e bubalina (SISBOV).

A introdução deste modelo é fundamental para assegurar aos consumidores brasileiros uma carne de melhor qualidade e mostrar ao mercado internacional que o Brasil está empenhado em garantir a sanidade dos produtos que oferece (Rodrigues, 2002).

O sistema de produção para ser parte integrante de uma cadeia produtiva de carne eficiente necessitará de inversões diversas, especialmente, tecnológicas. Sem inserção de tecnologias, nenhum segmento será capaz de vencer os desafios que são colocados pela globalização (Euclides, 2001).

A produção de alimentos hoje é maior que a demanda, mas muito inferior à necessária para os notáveis aumentos na demanda. Estas responsabilidades incluem, primeiramente, a necessidade absoluta de garantir à população mundial, e particularmente às parcelas mais pobres, que não haverá falta de alimentos: segurança alimentar. Em segundo lugar o aumento na produção para atender a demanda deve ser feito de forma sustentável. Existem tecnologias disponíveis capazes de produzir aumentos em curto prazo na produção de carne, mas várias destas tecnologias trariam graves custos ambientais. Entretanto, há necessidade

de melhorar a qualidade deste debate, que deve se basear mais em dados reais e menos em interesses individuais (Silva Filho, 2001).

Na tabela 1 pode ser observado o balanço da comercialização de bovinos do ano de 2000 a 2004 no Brasil.

Tabela 1. Volume das Exportações de Carne Bovina (Associados da Abiec) **Conselho Nacional da Pecuária de Corte - Balanço da Pecuária Bovídea de Corte 2000 a 2004**

	2000	2001	2002	2003	2004
População (milhões de habitantes)	169,8	172	174,3	176,5	178,8
Rebanho Bovino (milhões)	163,2	165,7	179,2	186,4	191,2
Taxa de Abate	19,93%	20,22%	19,82%	20,20%	20,87%
Abate (milhões)	32,5	33,5	35,5	37,6	39,9
Produção/Carne (mil ton. eq. carc.)	6.650,0	6.900,0	7.300,0	7.700,0	8.000,00
Consumo per capita (kg eq. carc.)	36,3	35,5	36,7	36,6	36,7
Consumo interno (mil ton. eq. carc.)	6.158,0	6.091,0	6.394,7	6.463,7	6.563,70
Exportação (mil ton. equiv. carcaça)	591,9	858,3	1.006,00	1.300,00	1.500,00
Importação (mil ton. equiv. carcaça)	99,9	49,3	100,7	63,7	63,7
Exportação (US\$ milhões)	786,3	1.022,5	1.107,3	1.510,0	1812,00
Importação (US\$ milhões)	128,3	64,9	84	60	60

Fonte dos dados básicos: SRF/MF, SECEX/MDIC, M.A., EMBRAPA, CNPC, Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte, IBGE, Sec. Estaduais de Agricultura.
Obs.: *Preliminar; **Previsão; 1 Em mil toneladas em equivalente carcaça
Rebanho: 1994 e 1996 - IBGE; 1998 - Sec. Estaduais de Agr.; 1995, 1997 e 1999 a 2004 - Estimativa.

3. Rastreabilidade

A rastreabilidade consiste em um conjunto de práticas passíveis de adoção por diversos setores da economia para disponibilizar todas as informações essenciais sobre seus produtos desde as matérias-primas utilizadas na elaboração, passando pelo transporte, até o momento em que os produtos são vendidos ou chegam ao consumidor final. A rastreabilidade ideal é obtida quando cada produto (incluindo seus insumos) carrega consigo, por meio de códigos, informações sobre sua procedência, manuseio, funcionários ou máquinas pelas quais passou, como foi transportado e armazenado pelo varejista. (EAN Brasil, 2001).

A rastreabilidade pode ser definida como o mecanismo que permite identificar a origem do produto desde o campo até o consumidor final, podendo ter ou não passado por uma ou mais transformações como no caso de alimentos minimamente processados. Um sistema de rastreabilidade, portanto, é um conjunto de medidas que possibilitam controlar e monitorar sistematicamente todas as entradas e saídas nas unidades do produto final. Quanto maior o número de frequência das informações necessárias, bem como as formas de sua comprovação, melhor será o sistema de rastreabilidade (Lirani, 2001; Silva, 2002).

Rastreabilidade bovina é um sistema de controle de animais que permite sua identificação individual desde o nascimento até o abate, registrando todas as ocorrências relevantes ao longo de sua vida. Esse sistema vai permitir ao empresário brasileiro estar apto a participar do mercado externo, com a vantagem de produzir com custos menores que seus concorrentes (Junqueira, 2002).

A rastreabilidade existe para garantir ao consumidor um produto seguro e saudável, por meio do controle de todas as fases de produção, industrialização, transporte, distribuição e comercialização, possibilitando uma perfeita correlação entre o produto final e a matéria prima que lhe deu origem (Luchiari, 2001; Reis, 2002).

O processo de rastreabilidade envolve o acompanhamento e o rastreamento e requer a rotulagem da carne com um número de referência, que liga uma unidade de produto individual do ponto de venda ao animal, ou lote, do qual ela se originou e, obrigatoriamente, ao histórico de alimentação e saúde individual. Para que isto seja possível, a carcaça e os cortes devem ser rotulados com números de identificação ao longo de toda a cadeia, ou seja, do matadouro a desossagem/embalagem, e dessa ao ponto final de venda. (Felício, 2001).

Os números de identificação devem ser precisamente aplicados e registrados de modo a assegurar uma ligação entre as diversas etapas, sendo responsabilidade de cada empresa gerenciar as ligações entre o que ela está recebendo dos fornecedores e o que está entregando aos clientes. Alguns dados de rastreabilidade devem ser sistematicamente transmitidos entre os elos da cadeia, enquanto outros devem apenas ficar registrado. Cabe a legislação determinar o que deve ser transmitido. (Felício 2001, Sampaio, 2002).

O sucesso do agronegócio da carne bovina brasileira e o alcance da primeira colocação na exportação do produto no mundo foram conseguidos pelo comprometimento, responsabilidade e amadurecimento de grande parte dos componentes da cadeia produtiva, que determinaram a quebra do paradigma unilateral, que ao mesmo tempo, fortaleceram os elos de produção, agroindustrialização e distribuição, facilitando ao máximo a constituição de uma sólida estrutura mercadológica (Rapidata, 2002; Oliveira Netto, 2004).

O Fluxo da cadeia produtiva da carne bovina pode ser observado na Figura 1. Deve-se considerar que em cada elo da cadeia produtiva existe a necessidade de se realizar a rastreabilidade, portanto o fluxo de informação deverá fluir em cada elo. Neste aspecto é importante a responsabilidade compartilhada entre os setores.

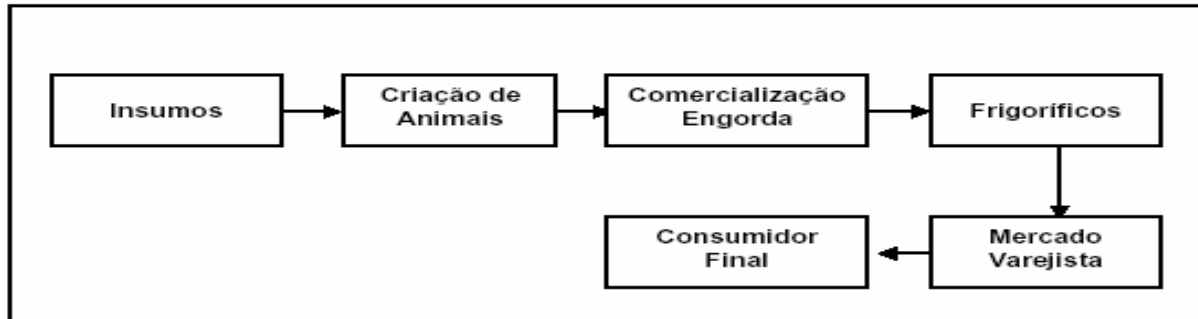


Figura 1 - Fluxo da Cadeia Produtiva da Carne Bovina

4. Boi Verde

O pecuarista brasileiro possui como grande diferencial a produção de carne bovina a custos competitivos, que está se desenvolvendo, especialmente no Brasil central: o boi verde. Trata-se da produção natural ou ecológica, aproveitando as condições da propriedade. Não são necessários pesados investimentos em instalações, mão-de-obra ou outros setores, que oneram o projeto pecuário. Basta ter atenção especial à qualidade da comida oferecida aos animais, suplementá-los na hora certa exercendo um manejo simples, moderno e objetivo: é possível ter um novilho precoce com pelo menos 16 arrobas e carcaça pronta em menos de dois anos. E, o melhor, a um custo extremamente favorável.

Entidades apostam na criação do boi verde. Onde pecuaristas, com um rebanho total de mais de 300 mil cabeças, investe na técnica e com excelentes resultados. Pecuaristas gastam cerca de R\$ 30,00 por arroba para produzir o boi verde e a receita média é de R\$ 38,00/arroba. Em um novilho de 16 arrobas, o ganho por animal supera com folga os R\$ 120,00; considerando-se a diferença da idade de abate, no acerto final obtém-se margem de lucro 100% superior ao processo tradicional.

Criar boi verde não é apenas mandar o boi para o pasto. Alguns cuidados são necessários, como cuidar da fertilidade do solo e do capim, além de complementar a alimentação dos animais com sal mineral de qualidade e, no período da seca, sal proteinado. Com esses poucos cuidados, os animais têm condições de enfrentar melhor o período de estiagem e até manter a capacidade de engorda. Algumas vantagens da criação do boi verde, valorizadas pelos pecuaristas:

- ✓ Ganho de tempo: em condições propícias se obtém um animal produto de cruzamento industrial pronto para o abate entre 18 meses e 24 meses – pelo método tradicional, esse tempo chega a 3,5 anos.
- ✓ Qualidade de carne: Como o boi abatido é um animal novo, sua carne é mais macia e de sabor mais apurado.
- ✓ Potencial de Exportação: O mercado mundial valoriza muito esse tipo de carne e o Brasil é o país com melhores condições de produzi-la.
- ✓ Preferência do Consumidor: Pesquisas indicam que o consumidor está propenso a pagar mais por produtos ecologicamente corretos e mais saudáveis.

✓ Custo/Benefício: Menores custos de produção, animal pronto para o abate mais cedo e mercado comprador cada dia mais promissor. O pecuarista tem muito a ganhar investindo no boi verde.

O mercado internacional está se abrindo à carne brasileira. Mas precisamos produzir mais e melhor para ocupar esse espaço. O boi verde com certeza será a nossa melhor resposta e participação no mercado de carne de qualidade. (Ferrola, 2001).

5. Mercado internacional da carne bovina

Segundo Maia (2005), um relatório do Serviço de Pesquisa Econômica do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, projeções para 2007), espera-se que a produção mundial de carne bovina tenha um incremento de 1,4% ao ano, até 2007. Provavelmente esse aumento não seja suficiente para atender a demanda e manter os estoques mundiais com os volumes atuais. A produção de carnes em 2004 foi estimada pela FAO (Food and Agriculture Organization) em 258 milhões de toneladas, 2% superior ao volume produzido em 2003. O maior crescimento deve ser verificado na América do Sul, onde a produção deverá crescer 5%, atingindo 31 milhões de toneladas. Na Ásia que normalmente representa cerca de 40% da produção mundial de carnes, o crescimento em 2004 foi de 2,4 %, o que representa somente metade do crescimento verificado em 2003. Na Tabela 2 encontramos as estatísticas de produção mundial de carne bovina segundo levantamentos do USDA (2004) e observa-se que no período compreendido entre 2000 (50,345 milhões de toneladas) e 2004 (50,66 milhões de toneladas) temos praticamente uma estagnação na produção mundial de carne bovina.

Tabela 2. Produção internacional de carne bovina

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005
EUA	12298	11983	12427	12039	11206	11242
BRASIL	6520	6891	7240	7385	7830	8222
CEE	85,23	76,29	71,38	80,45	53,28	54,88
CHINA	5328	5488	5846	6305	6683	7110
ARGENTINA	2880	2640	2700	2800	2900	2730
INDIA	1700	1770	1810	1960	2130	2230
MEXICO	1900	1925	1930	1950	2150	2070
AUSTRALIA	1988	2049	2089	2073	2005	2000
RUSSIA	1840	1760	1740	1670	1610	1550
CANADA	1246	1250	1294	1190	1450	1500
NOVA ZELANDIA	580	609	589	693	710	705
OUTROS	5812	5193	5431	3968	3951	4008

¹A previsão de 2004 refere-se a CEE com 25 países. ²Para 2003, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Venezuela foram retirados do banco de dados.

³Preliminar. ⁴Previsão.

Nos anos 90 e início do novo século houve um significativo declínio no consumo de carne bovina, e tal fato se deu como resultado do surgimento da EEB (Encefalopatia Espongiforme Bovina) e de casos de aftosa em países onde a doença estava erradicada (USDA, 2004;

Tabela 3). No entanto, as perspectivas e previsões apontam para um aumento de consumo nos próximos anos, já que medidas estão sendo tomadas nos principais países importadores, como a Comunidade Econômica Européia (CEE) e, dessa forma, os exportadores da América do Sul e da Austrália serão beneficiados.

A alta verificada nos preços das carnes no ano de 2004 limitou o consumo global do produto e o consumo per capita deverá apresentar um pequeno crescimento, passando de 40,3 para 40,6 kg. O aumento anual deverá ser o mesmo para neste ano para países desenvolvidos e em desenvolvimento, mas o consumo anual per capita nos países em desenvolvimentos, estimado em 29,7 kg, continuará representando apenas 1/3 dos países desenvolvidos (FAO, 2004).

Tabela 3. Consumo internacional de carne bovina em mil toneladas (USD 2004)

PAÍS	2000	2001	2002	2003	2004 ⁴	2005 ⁵
EUA	12503	12351	12738	12339	12582	12653
CEE ¹	8093	7489	8118	8324	8175	8084
BRASIL	6102	6191	6437	6273	6415	6665
CHINA	5284	5434	5818	6274	6648	7075
MEXICO	2309	2341	2409	2308	2410	2375
ARGENTINA	2543	2514	2362	2426	2363	2132
RUSSIA	2309	2404	2395	2315	2255	2195
INDIA ²	1351	1400	1393	1521	1590	1605
JAPÃO	1534	1371	1285	1324	1126	1116
CANADA	992	969	989	1065	1008	1005
AUSTRALIA	645	653	696	786	756	711
OUTROS ³	5885	5360	5501	4043	3878	3931
TOTAL MUNDIAL	49550	48477	50141	48998	49206	49547

1 Previsão de 2004 refere-se a CEE com 25 países, 2 Inclui carne de búfalo. 3 Para 2003, Colômbia, Costa Rica, Republica Dominicana, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Venezuela foram retirados do banco de dados. 4 Preliminar, 5 previsão.

Confirmando as previsões de 2004 para os dados de exportação de carne bovina dos principais países exportadores, o volume exportado foi da ordem de 6,9 milhões de toneladas (Tabela 4), ou seja, aproximadamente 8% superior ao ano de 2003 (USDA, 2003). O Brasil se firmou no mercado internacional como o principal país exportador, superando, em volume, os Estados Unidos e Austrália.

Inicialmente, o espaço aberto para a carne brasileira se deu principalmente em função dos inúmeros problemas sanitários (vaca louca e febre aftosa) enfrentados por alguns de seus principais concorrentes (União Européia, Argentina e Uruguai). Com preços competitivos e investimentos em tecnologia o Brasil afeta significativamente a competição internacional no mercado de carne bovina. O volume exportado apresentou crescimento equivalente a 340% em 7 anos, passando de 287,16 mil toneladas em 1997 para 1,263 milhões toneladas em 2003, superando as melhores expectativas e as projeções do USDA (Tabela 3), inclusive a de 2003 que foi de 1,175 milhões toneladas.

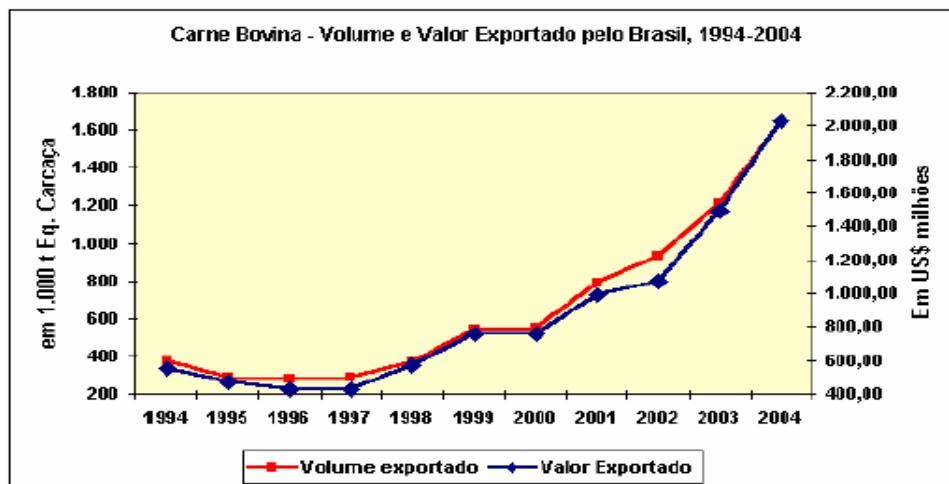
Tabela 4. Exportação internacional de carne bovina em mil toneladas (USD, 2004)

PAÍSES	2000	2001	2002	2003	2004 ³	2005 ⁴
BRASIL	492	748	881	1175	1470	1620
AUSTRALIA	1338	1399	1366	1264	1300	1300
EUA	1119	1029	1110	1143	202	272
CANADA	523	574	610	384	540	570
NOVA ZELANDIA	505	516	505	578	600	605
INDIA	349	370	417	439	540	625
CEE ¹	645	595	586	437	410	370
ARGENTINA	357	169	348	386	540	600
URUGUAI	236	145	259	320	400	440
UCRANIA	157	98	146	168	100	90
CHINA	54	60	44	43	45	50
OUTROS ²	100	82	75	24	26	32
TOTAL MUNDIAL	5875	5785	6347	6361	6173	6574

¹ A previsão de 2004 refere-se a CEE com 25 países. ² Para 2003, Colômbia, Costa Rica, Republica Dominicana, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Venezuela foram retirados do banco de dados. ³ Preliminar. ⁴ Previsão.

As exportações geraram 229 milhões de dólares em novembro de 2004 e 2,25 bilhões de dólares de janeiro a novembro deste mesmo ano, valores 42 e 66% superiores, respectivamente, aos registrados nos períodos similares do ano passado (Figura 2). O volume exportado em relação ao comercializado no mercado interno deve continuar aumentando uma vez que a produção brasileira esta crescendo e a demanda interna está estagnada em algo próximo a 37 kg per capita ha praticamente 3 anos (Pedroso, 2004).

Previsões otimistas de Morgan (1997) mostram que o efetivo do rebanho mundial deve experimentar um aumento de 100%, o abate de bovinos triplicará e o consumo mundial de carne bovina será quatro vezes superior aos níveis atuais no ano de 2050, e que o maior aumento se dará fora das nações desenvolvidas. Segundo as previsões do grupo, estes números serão atingidos como resultado da eliminação de todas as barreiras tarifárias e não tarifárias decorrentes da oferta de produto de alta qualidade, seguro para a saúde humana e parte indispensável de uma dieta que prolongue a vida humana. Os programas de rastreabilidade e rastreabilidade serão incrementados, aumentando significativamente nossa capacidade de prever e manejar a produção. Todos os segmentos da cadeia produtiva serão capazes de controlar seus processos o que produzirá um alimento de qualidade indiscutível.



Adaptado de Nelson Batista Martin

Figura 2. Exportações brasileiras de carne bovina

Na Tabela 5 encontram-se os dados (USDA, 2004) das importações mundiais de carne bovina. Considerando o Brasil, constata-se que a maior parte da produção brasileira de carne bovina destina-se ao mercado interno. O consumo nacional está, atualmente, estimado em 6,56 milhões de toneladas (em equivalente carcaça), correspondendo à cerca de 81,2% da produção, e os restantes 18,8% são destinados ao mercado internacional. O crescimento consistente do movimento exportador nos últimos 5 anos permitiu maior sustentação dos preços internos, com as cotações do boi gordo passando a oscilar, praticamente, em função da sazonalidade (períodos de safra/entressafra das pastagens).

Tabela 5. Importação internacional de carne bovina (USDA, 2004)

PAIS	2000	2001	2002	2003	2004 ³	2005 ⁴
EUA	1375	1435	1460	1363	1627	1660
JAPÃO	1016	955	678	810	604	611
RUSSIA	478	650,00	660	650	650	650
CEE ¹	426	394	501	517	525	535
MEXICO	420	426	489	370	270	320
CORÉIA DO SUL	324	246	431	445	200	275
CANADA	263	299	307	273	85	80
FILIPINAS	118	104	126	120	125	130
EGITO	236	136	162	93	150	155
TAIWAN	83	78	89	98	81	83
HONG KONG	71	71	71	81	82	25
OUTROS ²	234	172	213	226	194	209
TOTAL MUNDIAL	5044	4966	5187	5046	4593	4793

¹A previsão de 2004 refere-se a CEE com 25 países. ²Para 2003, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Venezuela foram retirados do banco de dados. ³Preliminar. ⁴Previsão.

A variação cambial e a maior demanda internacional pelo produto brasileiro favoreceram o crescimento acumulado do faturamento do segmento exportador, decorrência direta do maior volume comercializado, pois os preços médios mensais de exportação apresentaram-se praticamente estáveis. Essa evolução foi mais acentuada para a carne bovina *in natura* do que para a carne industrializada (ANUALPEC, 2003).

6.1. Países Exportadores

6.1.1. Estados Unidos

As exportações de carne bovina dos Estados Unidos deverão ser limitadas em 2005 em função das limitações impostas pelos principais países importadores. A tendência é de que o México continue sendo o maior importado da carne norte americana, já que as proibições impostas por outros países importadores devem permanecer válidas em 2005. A previsão é de que sejam exportadas 272 mil toneladas de carne em 2005, representando um aumento de 35% em relação a 2004, permanecendo significativamente abaixo dos níveis históricos mantidos pelo país (Morris, 2002). A produção norte-americana será estável, porém os produtores terão condições climáticas e boas condições de preços de grãos, o que contribuirá para a reconstrução de rebanho. Os Estados Unidos são o fornecedor primário de carne bovina de alta qualidade para o mundo, porém até que as proibições impostas à carne bovina norte americana continuem, a Austrália terá a oportunidade de melhorar sua posição como fornecedora de carne para mercados importantes como o Japão e Coréia.

6.1.2. Brasil

Com uma previsão de exportação de 1,6 milhões de toneladas de carne bovina em 2005, espera-se que o Brasil permaneça o maior produtor mundial de carne bovina. A maior parte da produção destinada à exportação é produzida nas regiões sul, sudeste, e centro oeste, que se beneficiam de melhor infra-estrutura, abundância no suprimento de alimentos, além de preços de terras relativamente baratos. As exportações de carne bovina brasileira continuarão aumentando devido a expansão e melhoria de produtividade, taxas de câmbio favoráveis, e esforços de marketing agressivos. Em 2005, espera-se um aumento de 5% na produção de carne de bovina estimulada pelo crescimento econômico, o que gera aumento da demanda interna, expansão das exportações e o registro de um recorde no rebanho bovino brasileiro. As exportações registradas em 2004 superaram as previsões iniciais, ficando acima de 1,5 milhões de toneladas, refletindo aumentos esperados nas exportações para a União Européia, Egito, e Rússia por causa de preços ascendentes nesses mercados e taxas de câmbio favoráveis.

6.1.3. Austrália

A previsão é de que a exportação de carne bovina australiana deve permanecer em torno de 1,3 milhões de toneladas em 2005. Espera-se uma pequena redução na produção a produção de carne este ano, em função da necessidade de reconstrução do rebanho. As condições das pastagens melhoraram este ano, após terem enfrentado a pior seca do século. Porém, preços são relativamente altos no Japão, Coréia, e os Estados Unidos que estão puxando as exportações de Austrália longe de mercados menores. A partir de 2004 de agosto, a carne de boi exportada da Austrália para o Japão estava acima 42 por cento e carne de boi exporta para a Coréia estava acima 32 por cento. São esperados que os produtores continuem vantagem de tomada de preços mais altos devido a mais baixa competição em outros mercados que conduzirão a exportações aumentadas a estes mercados e consumo doméstico reduzido na Austrália.

6.1.4. Índia

As exportações indianas de carne de bovina e bubalina deverão ficar próximas a 625.000 toneladas em 2005, representando um aumento de 16% em relação à de 2004, devido ao aumento na produção, melhor na qualidade, e aumento na demanda em mercados importadores. A Índia está centralizando esforços para aumentar as exportações tanto para mercados tradicionais como para novos mercados e a produção esta aumentando para atender esta demanda através de investimentos na capacidade de processamento da carne são exportações crescentes em mercados tradicionais e novos e produção de carne de boi está aumentando para conhecer esta demanda por investimentos em carne que processa capacidade. A qualidade de carne está melhorando devido a melhora nas condições de saúde e produção animal, além de investimentos em confinamentos.

6.1.5. Nova Zelândia

As previsões são de que a Nova Zelândia deva exportar 605.000 toneladas em 2005, valor praticamente inalterado em relação aos obtidos em 2004. Com a melhora nas condições das pastagens e redução no abate de fêmeas, para restabelecimento do rebanho, espera-se que a redução na produção de carne bovina fique em torno de 1% para 2005. As exportações neozelandesas superaram as estimativas para 2004 em conseqüência das proibições impostas à carne bovina norte americana. Isto pode ser comprovado através dos significativos aumentos das exportações para Japão (92%) e Coréia (99%) de janeiro a agosto de 2004 quando comparados com o mesmo período em 2003.

6.1.6. Argentina

Segundo o USDA, 2004 as exportações argentinas de carne bovina para 2005 continuarão em alta em função do forte aumento na demanda mundial e abertura de novos mercados, devido à melhora no estado sanitário e taxas de câmbio favorável. A capacidade de produção de carne de bovina aumentou nos últimos anos, e continuará aumentando conforme mostram os recentes investimentos realizados no setor. O governo argentino continua negociando agressivamente a abertura de novos mercados já que a situação de aparecimento de focos de febre aftosa foi controlada através da divulgação de amplas

campanhas de vacinação. Isto ampliará as oportunidades para exportações de carne bovina Argentina. As exportações de 2004 superaram as estimativas principalmente devido ao aumento das vendas para países como Estados Unidos, União Européia, Rússia e Venezuela.

6.1.7. Canadá

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos prevê que a produção canadense de carne bovina aumentará em 2005, embora o mesmo comportamento não seja verificado para o consumo. Conseqüentemente são esperados aumentos da ordem de 6% nas exportações que deverão atingir cerca de 570.000 toneladas. Os Estados Unidos permanecerão como principal mercado de exportação para a carne bovina produzida no Canadá, mas o governo canadense está concentrando esforços para reabrir outros mercados e reduzir a dependência dos Estados Unidos. Produtores canadenses enfrentam grandes desafios devido a proibições na exportação de gado para os Estados Unidos. O rebanho bovino do Canadá continua aumentando e a expectativa é que exceda os 16 milhões de cabeça ao término de 2005. Frigoríficos canadenses estão operando próximos de sua capacidade total e os aumentos previstos para a capacidade de matança em 2005 não serão suficientes para processar toda a carne que normalmente seria exportada para os Estados Unidos. As exportações de 2004 foram 4% inferiores as estimativas de março de 2004 estimativas porque foram mais lentas que o esperado.

6.2. Países Importadores

6.2.1. Estados Unidos

As projeções para as importações americanas de carne bovina em 2005 deverão ser de aproximadamente 1,7 milhões de toneladas, entretanto o consumo interno permanecerá estável, aumentando menos de 1% em 2005.

Espera-se que o fornecimento interno de carne bovina processada seja menor haja vista a necessidade de retenção de fêmeas para restabelecimento do rebanho. Além disso, a proibição da entrada de gado canadense no país também contribuiu para a redução no rebanho de fêmeas e, conseqüentemente de carne disponível para os frigoríficos norte-americanos. O crescimento nas importações é reflexo em parte do reduzido abate de bovinos. Cortes magros oriundos de animais criados a pasto são misturados com cortes mais gordos de animais criados com a utilização de grãos para a fabricação de hambúrguer.

Devido a menor produção de cortes magros nos EUA e à demanda estável, estes cortes poderão ser importados da Austrália, Nova Zelândia e Uruguai. As importações de carne uruguaia aumentaram devido aos altos preços praticados no mercado norte americano e á retomada de título de área livre de febre aftosa.

6.2.2. Rússia

As importações russas de carne bovina permanecerão estáveis em 2005. As importações do maior fornecedor russo, a Ucrânia, serão menores devido à redução na produção deste país. O declínio nas importações da Ucrânia deverá ser compensado por aumentos nas

importações de outros países, através de aumentos nas importações sob o sistema de cotas à medida que a implementação de cotas sujeitas a tarifas aumente. Espera-se que a produção de carne bovina russa diminua 4%, induzindo a limitação no fornecimento e aumento de preços. Recentemente, a bovinocultura russa experimentou uma redução no número de grandes propriedades, principalmente devido a problemas relacionados com alimentação (alto custo e qualidade dos alimentos), o que inevitavelmente resultará em queda na produção de bezerras em 2004. Devido aos altos preços e à escassa oferta, o consumo deverá ser reduzido em aproximadamente 3%. Nestas condições (preços mais elevados e redução na oferta) a perspectiva é de que haja uma redução de 3% no consumo de carne bovina na Rússia.

6.2.3. União Européia (EU)

A previsão do USDA, 2004 é de que a importação de carne bovina pelos 25 países membros da União Européia em 2005 seja de 535.000 toneladas, 2% superior ao volume importado no ano passado. A estimativa é que haja um déficit comercial de 165.000 toneladas de carne bovina em 2005 e que este número continue aumentando como resultado do declínio da produção destes países. Além disso, sabe-se que os produtores dos novos Estados membros do grupo enfrentarão grandes desafios para adequar seus produtos às exigências impostas pelo mercado da UE como gestão ambiental, qualidade alimentar e bem estar animal, uma vez que estes países não estão completamente enquadrados ao novo sistema PAC imposto pelos países importadores membros do bloco. A União européia não proibiu a compra de carne bovina norte-americana em virtude dos casos de EEB, mas restrições relacionadas à utilização de hormônios continuam limitando o volume de carne norte americana que pode ser exportada para a UE.

6.2.4. Japão

As importações japonesas de carne bovina em 2005 deverão ficar próximas a 611.000 toneladas (USDA, 2004), 1% mais alta que o estimado para 2004, porém 25% abaixo que as verificadas em 2003. As importações de carne bovina pelo Japão deverão ser mantidas enquanto forem sustentadas as proibições à carne norte-americana, já que antes da proibição, a carne bovina norte americana respondia por 1/3 de consumo deste produto no Japão. A produção doméstica e as importações da Austrália e Nova Zelândia aumentaram acima dos níveis previstos anteriormente. Porém, estes aumentos não foram suficientes para atender a demanda japonesa. A carne bovina da Austrália, oriunda de bovinos criados a pasto, não substitui totalmente a carne bovina dos EUA, oriunda de animais criados em confinamentos a base de grãos, e a produção australiana de carne de animais criados com a utilização de grãos não pode atingir níveis comparáveis aos dos EUA devido à escassa oferta de grãos e à limitada capacidade dos confinamentos. As importações de 2004 ficaram acima da estimativa, uma vez que as importações da Austrália e Nova Zelândia foram nitidamente superiores ao previsto no primeiro semestre.

6.2.5. México

Em 2005 o México deverá importar 320.000 toneladas de carne bovina, um aumento de 19% em relação a 2004. Existe a estimativa de que a produção de carne bovina deva recuar em 2005 já que o México dispõe de menor rebanho destinado ao abate, pois a região norte do país enfrentou sérios períodos de seca nos últimos dois anos, estimulando a venda e a redução do plantel. A produção também será afetada em virtude de números recordes nas exportações de gado para os Estados Unidos. A situação de seca no México melhorou, porém as reservas e os preços dos alimentos ainda não retornaram aos níveis normais. Assumindo melhoras nas condições de pastagem, o volume de abates deverá ser reduzido em 2005 com a retenção de animais pelos produtores para restabelecimento do rebanho. A redução na produção em 2005 será um estímulo para aumento das oportunidades de exportação de produtos de carne bovina norte-americanos para o México. A importação em 2004 foi superior as estimativas prévias realizadas em março demonstrando que o país está reabrindo suas fronteiras aos EUA e Canadá.

6.2.6. Coréia

Em 2005, espera-se que as importações de carne bovina pela Coréia sejam 38% superiores ao volume verificado em 2004, atingindo cerca de 275.000 toneladas, porém, ainda permanece significativamente abaixo dos níveis de importação verificados antes da proibição de importação de carne bovina norte americana. Em 2004, o consumo de carne bovina diminuiu devido às preocupações com o surgimento de casos de EEB; contudo, a demanda parece ser ainda maior que oferta disponível. A demanda, os altos custos de produção e a reduzida oferta mundial têm resultado em aumento nos preços deste produto na Coréia. A redução no consumo de carne bovina pelos coreanos se deu em função da prática de preços mais elevados, levando-os a procurar substituto como a carne de suínos e peixes. Existem evidências de que a confiança dos consumidores na carne bovina está melhorando, com isso, espera-se para 2005 um aumento de 11% no consumo.

6.3. características do rebanho mundial

Nas Tabelas 6 e 7, encontramos o rebanho dos principais países e blocos econômicos, e observa-se que o Brasil possui continua detentor do maior rebanho comercial do planeta. Apenas a Índia (332.950.000 cabeças) supera o Brasil, mas por questões religiosas a maior parte deste rebanho não é comercial. Em seguida encontramos a China (135.165.000 cabeças), os EUA (95.100.000 cabeças), a Argentina (51.019.000 cabeças) e a Austrália (27.345.000 cabeças).

Tabela 6. Rebanhos internacionais de Bovino* (milhares de cabeças)

PAISES	2000	2001	2002	2003	2004
AMERICA DO NORTE					
EUA	133436	131800	129656	128846	128824
MEXICO	97277	96704	95550	95500	95100
CANADA	22551	21396	20666	19896	18274
CARIBE	13608	13700	13440	13450	15450
	1918	1918	1918	1918	n.d.

Costa Silva, Cassiano; De Moura Zanine, Anderson; Silva Lirio, Viviane. **Análise do desempenho brasileiro no mercado internacional de carne bovina** - Revista Electrónica de Veterinaria REDVET®, ISSN 1695-7504, Vol. VI, nº 11, Noviembre/2005, [Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org)® - [Comunidad Virtual Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org)® - Veterinaria Organización S.L.® España. Mensual. Disponible en <http://www.veterinaria.org/revistas/redvet> y más específicamente en <http://www.veterinaria.org/revistas/redvet/n111105.html>

AMERICA					
CENTRAL	7859	7733	7633	1548	n.d.
AMERICA DO SUL	267401	273752	179521	280254	229645
BRASIL	160765	16499	167412	167463	165917
ARGENTINA	50167	50669	51264	51159	51019
COLOMBIA	22676	23757	24828	25200	n.d.
VENEZUELA	13400	13500	13560	13420	n.d.
URUGUAI	10423	11667	12337	12822	12709
PARAGUAI	9970	10060	10120	10190	n.d.
CEE	81337	80448	79800	78800	77325
FRANÇA	20229	20007	19846	19598	18991
ALEMANHA	14680	14519	14403	14222	13782
REINO UNIDO	11299	11175	11085	10946	10607
ITALIA	7161	7083	7026	6938	6723
IRLANDA	6718	6645	6592	6509	6307
ESPAÑA	6214	6146	6096	6020	5834
HOLANDA	4207	4161	4127	4075	3949
BELGICA	3090	3056	331	2993	2901
AUTRIA	2156	2133	2116	2089	2024
DINAMARCA	1979	1957	1942	1917	1958
PORTUGAL	1247	12333	1223	1208	1171
EUROPA					
ORIENTAL	10807	10466	10606	10619	1044
POLONIA	5722	5539	5634	5639	5380
ROMENIA	2870	280	2867	2900	2910
RUSSIA	25500	24510	23630	22850	21135
UCRANIA	9424	9433	9400	9300	8200
KAZARQUISTAO	3458	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
TURQUIA	11350	11200	11000	10900	10500
AFRICA	19760	19892	19918	19913	20290
AFRICA DO SUL	13460	13505	13520	13510	13890
ORIENTE MEDIO	6300	6387	6398	6403	6400
ASIA	458599	45732	463601	467400	480203
INDIA	313774	317000	324200	329000	332950
CHINA	128663	128242	127504	126616	135165
FILIPINAS	5472	5512	5502	5477	5617
JAPAO	4530	4564	4445	4355	4531
COREIA DO SUL	2134	1954	1950	1952	1940
OCEANIA	37820	38970	39542	39561	36845
AUSTRALIA	28800	29700	29952	30051	27345
NOVA ZELANDIA	9020	92700	9590	9510	9500
TOTAL	1068669	1067554	1076225	106991	1023411

*Preliminar** Previsão

Tabelas 7. Principais Abates internacionais de Bovino (milhares de cabeças)

PAISES	2000	2001	2002	2003	2004
AMERICA DO NORTE					
EUA	49624	48693	49012	46797	47061
	37588	36577	36842	34777	34361
AMERICA CENTRAL	1480	1512	1540	365	389
AMERICA DO SUL	57116	56943	58715	62183	55944
BRASIL	335226	36276	37810	40543	41264
ARGENTINA	13200	12500	12200	12500	12600
CEE	27209	25230	26100	26100	26253
FRANÇA	5616	5208	5387	5387	5386
ALEMANHA	4538	4208	4353	4353	4352
ITALIA	4471	4146	4289	4289	4288
ESPAÑA	2575	2388	2470	2470	2470
HOLANDA	2320	2152	2226	2226	2470
REINO UNIDO	2282	2116	2189	2189	2188
IRLANDA	2083	1903	1969	1969	1968
EUROPA ORIENTAL	4105	4381	4110	4110	3860
RUSSIA	10515	9970	9780	9490	9320
KAZARQUISTAO	1550	nd	nd	nd	nd
AFRICA	4802	5172	5266	5303	5248
AFRICA DO SUL	2835	3205	3220	3255	3195
ASIA	57045	57852	59340	61145	65200
CHINA	39648	41184	42000	43000	45900
INDIA	130000	13600	14250	15000	16300
OCEANIA	12244	11983	12606	13462	12072
AUSTRALIA	8642	8623	8975	9664	8135
NOVA ZELANDIA	3602	3360	3310	3798	3937

* Preliminar, ** Previsão

Considerando os dados do efetivo do rebanho (Tabela 5) e os dados de produção de carne bovina (Tabela 1) encontram-se os seguintes índices de produtividade (kg de carcaça/cabeça do rebanho): EUA com 122, a Comunidade Econômica Européia com 94, a Austrália com 70, a Argentina com 54, o Brasil com 47, a China com 46 e a Índia com 6,3 demonstrando que o rebanho deste último país não é comercial. Esses índices demonstram claramente o potencial a ser explorado pelo Brasil, no sentido de melhorar sua produtividade de carne bovina.

Usando os dados das Tabelas 5 e 6 pode-se observar com facilidade que esses valores são resultado da taxa de abate do Brasil (24,8%) inferior aos principais produtores mundiais de carne: EUA (36,1%), China (33,9%), CEE (33,9%), Austrália (29,7%) e Argentina (24,7%). A Índia (4,8%) mais uma vez mostra índice muito baixo decorrente de que a maior parte do rebanho daquele país não é comercial.

6.4. Características do rebanho brasileiro

Analisando os dados da Tabela 8, constata-se que 5 estados brasileiros detêm 54% do rebanho do país, são eles Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Sul, compreendendo 90 milhões de cabeças. Outro dado importante é que se verifica claramente uma migração da pecuária para as regiões centro-oeste e norte, pois nessas regiões estão os estados com maior índice de crescimento do efetivo do rebanho nos últimos 20 anos, todos com valores acima de 100%: Rondônia (217%), Acre (198%), Mato Grosso (174%), Amazonas (159%) e Pará (149%). Os estados com taxa de crescimento entre 50 e 100% também pertencem à essas regiões: Tocantins (63%), Roraima (61%) e Amapá (58%). Se as taxas continuarem na mesma proporção, provavelmente teremos o MT como detentor do maior rebanho nos próximos anos (Pedroso et al., 2003).

Tabela 8. Evolução do Rebanho Bovino Brasileiro por Estado (1983-2003)

	1983	2003	2004		Crescimento (83-04)		Crescimen to (% ao ano)
	Rebanho	Rebanho	%Reban ho	Rebanho	Cabeças	%	
MS	15540000	22072000	13,18	19504548	6532200	42,03	1,68
MG	19242450	20046179	11,97	19922779	803729	4,18	0,20
MT	6861250	18840150	11,25	20250424	11978900	174,59	4,93
GO	14568750	16331899	9,75	162010,3 4	1763149	12,10	0,55
RS	1435200	12990024	7,76	12591575	-1361976	-9,49	-0,47
SP	11798000	11816490	7,06	11589829	18490	0,16	0,01
BA	9496250	10471756	6,25	10160798	975506	10,27	0,47
PR	9158100	9496594	5,67	9154773	335494	3,66	0,17
TO*	3650850	5937919	3,55	5875705	2287069	62,64	2,34
PA	3670800	9143730	5,46	9627654	5472930	149,09	4,44
RO	1764630	5604963	3,35	5482115	3840333	217,63	5,66
MA	2992000	4397371	2,63	4477060	1405371	46,97	1,85
SC	2916500	3080345	1,84	2983426	163845	5,62	0,26
CE	2528600	2465489	1,47	2414249	-63111	-2,50	-0,12
PE	1682100	2071850	1,24	1996262	389750	23,17	1,00
PI	1582425	1846201	1,10	1873761	263776	16,67	0,74
RJ	1738400	1818648	1,09	1872466	80248	4,62	0,22
ES	1637400	1675379	1,00	1655887	37979	2,32	0,11
PB	1345050	1395630	0,83	1454837	50580	3,76	0,18
AC	404490	125216	0,72	1254378	800726	197,96	5,34

AM	461900	1198619	0,72	1094893	736719	15950	4,65
RN	899325	999621	0,60	986586	100296	11,15	0,50
SE	900250	951380	0,57	953088	51130	5,68	0,26
AL	860250	920102	0,55	962238	59852	6,96	0,32
RR	323180	521144	0,31	512448	197964	61,25	2,30
DF	79236	87953	0,05	90325	8717	11,00	0,50
AP	50320	79289	0,05	83106	28969	57,57	2,19
Total	13050450	167463141		164831365	36958635		

(*) O estado do Tocantins passou a existir a partir de 1989. Os números anteriores a esta data foram estimados com base na proporção da área do novo estado em relação ao estado anterior de Goiás. Fonte: FNP (estimativa), Anualpec (2004).

Segundo dados do Anualpec (2004) o rebanho brasileiro crescerá a uma taxa de aproximadamente 0,8% ao ano (Tabela 9), mas que se for levado em conta à adoção de tecnologia decorrente dos preços competitivos para a carne brasileira no mercado internacional e, as estimativas do USDA, 2004 que são de crescimento mundial da ordem de 1,4%, provavelmente o rebanho brasileiro poderá atingir 192 milhões de cabeças. Contudo, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) este número já foi superado em aproximadamente 2% este valor, ainda no ano de 2003, quando a estimativa para a população bovina do país foi de 195 milhões de animais. Segundo estes dados, o rebanho brasileiro representa 16% do rebanho mundial (1,22 bilhões de cabeças).

Tabela 9. Previsões para a Evolução do Rebanho e da Produção Brasileira

REGIOES	REBANHO (CABEÇAS)		PRODUÇÃO	
	2002	2012	2002	2012
NORTE	23148485	31466462	774877	1360140
NORDESTE	25435903	30605339	1016708	1403278
SUDESTE	35587216	35263325	1893953	2080888
SUL	25855971	24894381	1298897	1462785
CENTRO-OESTE	57384515	59604881	2158875	2808016
TOTAL	167412090	181834388	7143310	9115107

Fonte: Estimativa e Projeção da FNP Consultoria (Anualpec, 2004).

6.5. Aspectos do consumo de carne bovina pelos brasileiros

Segundo Cavalcanti (2003), a carne bovina vem seguindo as tendências de outros produtos alimentícios e está sendo cada vez mais comercializada nos supermercados em substituição aos açougues, em função de uma série de vantagens como: preços convidativos, comodidade de encontrar todos os produtos que deseja segurança, estacionamento, etc. Pesquisa realizada pela ABRAS (Associação Brasileira de Supermercados) mostra que a carne é um alimento adquirido com elevada frequência por consumidores.

Outro ponto interessante é a importância que os consumidores brasileiros dão à qualidade da carne bovina. Segundo o mesmo estudo, a qualidade da carne é o terceiro fator de maior importância no momento de se escolher um supermercado.

Sendo assim, disponibilizar carne bovina de boa qualidade nas prateleiras pode ser sinônimo de retorno dos clientes, uma vez que, segundo a pesquisa, a carne é um produto consumido com frequência e a escolha do supermercado pelo consumidor leva em consideração a qualidade da carne oferecida. Contudo, para a maioria dos supermercados a carne disponibilizada nas prateleiras não é oferecida exatamente com este propósito, mas sim como forma de atrair consumidores de baixa renda disponibilizando muitas vezes produtos de qualidade inferior a custo mais baixo (Coro et al., 2002; Guarnieri et al., 2002; Shimokomaki, 2003).

Os supermercados buscam atrair consumidores com essas ofertas tentadoras de carne bovina para conseguir vender concomitantemente outros produtos disponíveis no supermercado. Essa prática é atraente para as grandes cadeias de supermercados porque elas têm hoje enorme poder de negociação junto aos frigoríficos. De acordo com Cavalcanti (2003) para atender esse poder acima do racional das grandes redes, carnes de carcaças que deveriam ser industrializadas acabam indo para o mercado de carne fresca.

Ao contrário do que ocorre nos EUA, que dispõe de um programa de tipificação de carcaças em funcionamento, onde as promoções costumam ser de cortes menos nobres, porém provenientes de carcaças que atendam a um mínimo de qualidade, aqui no Brasil, até mesmo os supermercados que visam uma clientela de maior poder aquisitivo não conseguem manter uma disponibilidade constante de carne de qualidade uniforme (Roça, 2003).

Segundo a FAO, 2004 nos últimos 20 anos o consumo de carne bovina no Brasil cresceu em média 2,7% ao ano, enquanto que o frango cresceu 6,4%. Nos últimos 10 anos, com acentuada influência do Plano Real, a diferença aumentou mais ainda: 2,6% para a carne bovina e 8,0% para o frango.

A cadeia produtiva da carne bovina não tem sido muito eficiente em divulgar os benefícios e as características vantajosas de seus produtos. Além disso, não observamos lançamento de novos produtos de sucesso. Por tudo tem ocorrido uma estagnação na participação da carne bovina em relação ao consumo pelos brasileiros.

É extremamente difícil aumentar o consumo de carne bovina, principalmente em tempos de crise. A oferta de cortes de melhor qualidade de maior valor agregado e a oferta de novos produtos como pratos semi-prontos, preparados com carne de qualidade, parecem ser alternativas quando se espera uma remuneração justa para os produtores de gado de corte brasileiros. Na Tabela 10 encontramos a oferta interna (consumo) de carne bovina em diversos países (Roça, 1999; Roça, 2000; Roça, 2003).

Tabela 10. Consumo per capita de carne bovina (kg/hab/ano) em países selecionados

País	1995	2000	2005
Argentina	60,7	56,7	55,1
EUA	44,6	38,9	39,5
Brasil	36,7	35,5	37,5
Austrália	36	34,1	34,2
Nova Zelândia	28,5	30,3	31,4
Canadá	34,1	30,5	29,3
México	20,1	20,5	22,9
Rússia	22,9	20,2	21,9
CEE	19,9	16,4	15,4
Coréia do Sul	9,2	11,8	14,2
Japão	12,1	11,9	12,8
Europa	11,8	11,7	12,6
China	3,4	4,5	5,5

Blezinger, S. Beef affected by global comports/exports. www.cattletoday.com (2002)

7. Considerações Finais

O mercado internacional de carne bovina encontra-se numa fase de aperfeiçoamento da produção tanto no aspecto qualitativo quanto quantitativo.

O EUA atravessa uma fase de estagnação devido a proibições impostas à carne bovina norte americano.

A Austrália aproveitou-se da situação dos EUA para melhorar sua posição como fornecedora de carne para mercados importantes como Japão e Coréia.

O Brasil encontra-se diante previsões otimistas de exportação, e se destaca como maior produtor de carne bovina.

A Índia busca melhorar a qualidade da carne produzida e conquistar tanto mercados tradicionais e também novos mercados.

A Nova Zelândia supera as expectativas de 2004 devido aproveitar das conseqüências das proibições impostas à carne bovina norte americana. Isso é comprovado através dos significativos aumentos de exportações para o Japão e Coréia.

A Argentina vem melhorando a produção e conquistando novos mercados, devido investimentos no setor e superação dos problemas sanitários.

Canadá atravessa uma fase difícil devido a diminuição da relação comercial com seu principal consumidor de carne bovina, os EUA.

Em relação aos países importadores:

O EUA encontra-se numa diminuição de cortes magros, estes cortes poderão ser importados da Austrália, Nova Zelândia e Uruguai.

Rússia, a importação encontra-se estável nos últimos anos.

U.E., a previsão é um aumento de 2% superior a 2004.

Japão, a previsão é um aumento de 1% superior a 2004.

México, a previsão é de um aumento de 19% superior a 2004, devido à redução do plantel por problemas climáticos.

Coréia, a previsão é de um aumento de 38% superior a 2004, devido aumento da confiança dos consumidores na carne bovina está melhorando.

8. REFERENCIAS BIBLIOGRAFIA

1. ANUALPEC. **Anuário da Pecuária bovina Brasileira**. São Paulo: FNP Consultoria e Comércio, p. 400, 2004.
2. ANUALPEC. **Anuário da Pecuária bovina Brasileira**. São Paulo: FNP Consultoria e Comércio, p. 389, 2003.
3. ARRUDA, J.Z. **Aspectos econômicos da produção de carne bovina no Brasil**. Bauru: Síntese de Palestra apresentada aos Associados do Sindicato Rural de Bauru-SP, 1998. (CDROM)
4. CEPEA/USP. 2005 - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo <http://www.cepea.esalq.usp.br/indicador/boi/>. Acesso em: 08 Julho 2005.
5. CNA - 2005. Confederação Nacional de Agricultura <http://www.cna.org.br/cna/index.wsp>. Acesso em: 10 Julho 2005.
6. CORÓ, F.A.; YOUSSEF, E.Y.; SHIMOKOMAKI, M. AGE RELATED CHANGES IN Poultry breast meat collagen pyridinoline and texture. **Journal Food Biochemistry**, Trumbull, v. 26, p. 533-541, 2002.
7. CAVALCANTI, N: As tecnologias Inovadoras e os Pequenos Agricultores do Nordeste Semi-árido, 2003.
8. EAN BRASIL.NO RASTRO da excelência. **Revista Automação**. São Paulo, ed.87, nov./dez., 2001.
9. EAN BRASIL. "Manual do Usuário EAN.UCC". EAN BRASIL, São Paulo, 2002. <http://www.eanbrasil.org.br/servlet/ServletContent?requestId=25> . Acesso em 15 julho 2004.
10. EUCLIDES, V.P. Produção intensiva de carne bovina em pasto. In: II SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO DE GADO DE CORTE, Viçosa. **Anais...** Viçosa, MG, p. 1-28, 2001.

11. Food Agricultural Organisation – FAO. 2004. <http://www.fao.org/>. Acesso em: 10 Maio, 2005.
12. FELÍCIO, P.E.; VIACAVA, C. Programa da ACNB para a Qualidade da Carne. Simpósio Nelore 2001. Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. **Anais...** Ribeirão Preto, SP. p. 65-69, 2001.
13. FERROLA, P. Secretário de Desenvolvimento Fundação ABC 2001. <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php>. Acesso em: 13 maio 2003.
14. GUARNIERI, P.D., OLIVO, R., SOARES, A.L., IDA, E.I., LARA, J.A.F.; SHIMOKOMAKI, M. Bem Estar Animal e Qualidade da Carne. Uma Exigência dos Consumidores. **Revista Nacional da Carne**, São Paulo, Ano XXVI, n. 301, p. 36-44, 2002.
15. JUNQUEIRA, C.A. F. **Beefpoint**: identificação animal. Disponível em: <http://www.beefpoint.com.br/secoses/radar/printpage.asp> . Acesso em: 5 março 2005.
16. LIRANI, A.C. **Rastreabilidade da carne bovina**: uma proposta de implementação. 2001. Disponível em: http://www.ancp.org.br/Rastreab_Carne%20Segura.htm. Acesso em: 15 jul. 2002.
17. LUCHIARI, A. F. **Beefpoint**: por que rastreabilidade? Disponível em: <http://www.beefpoint.com.br/secoses/radar/printpage.asp> . Acesso em: 17 maio 2005.
18. MAIA, P. Panorama, Mercado e comercialização na Bovinocultura de Corte. In: Dissertação (Mestrado em Zootecnia), Universidade Estadual de Maringá, 89p. 2003.
19. MORRIS, C.A. Qualidade Assegurada e os Novos Projetos da Indústria da Carne Bovina nos EUA. In: Simpósio Nelore 2002: Nelore Natural. Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. **Anais...** Ribeirão Preto, SP, p. 60-62, 2002.
20. MORGAN, J.H.L. Effect of plane of nutrition in early life on subsequent live-weight gain, carcass and muscle characteristics and eating quality of meat in cattle. **Journal of Agricultural Science**, v. 78, p. 417-423, 1997.
21. OLIVEIRA, L.M.; SARANTÓPOULOS, C.I.G.L.; CUNHA, D.G.; MOREIRA, C.Q.; LEMOS, A.B. Diagnóstico da qualidade tecnológica de embalagens plásticas barreira a gases utilizadas para preservação de produtos cárneos. Relatório final FAPESP, processo 2000/09565-0. Campinas, CETEA – ITAL, p. 61, 2003.
22. OLIVEIRA NETO, P. Mercado e estratégias de comercialização da carne bovina: alianças mercadológicas e integração da cadeia produtiva. In: II SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO DE GADO DE CORTE, Viçosa. **Anais...** Viçosa, MG, p. 1-14, 2004.
23. PEDROSO, E.K.; PEDROSO, P.K.; LOCATELI, A.L.; GROSSKLAUS, C. **Marketing e Cadeia Produtiva da Carne**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DOS NEGÓCIOS PECUÁRIOS – ENIPEC, Cuiabá, MT, P. 1-19, 2004.
24. PEDROSO, E.K. ; LOCATELI, A.; GROSSKLAUS, C. **Avaliação Funcional e Carcaça do Nelore**. 12º Seminário Nacional de Criadores e Pesquisadores – Melhoramento Genético e Planejamento Pecuário. Associação Nacional dos Criadores e Pesquisadores. Ribeirão Preto, 2003. (CDROM)
25. PITELLI, M. Sistema Agroindustrial Brasileiro da Carne Bovina: Análise do Impacto das Mudanças Institucionais Européia sobre a Estrutura de Governança. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal e Pastagem). Universidade Luiz de Queiroz, Piracicaba, 98 p., 2004.

26. Rastreabilidade: transformando a fazenda em empresa rural. em: http://www.portaldoagronegocio.com.Br/artigos/agroartigos.asp?função=ler&nome_artigo=RASTREABILIDADE%3A+Transformando+a+fazenda+em+empresa+rural>. Acesso em: 23 maio 2004.
27. RAPIDATA. 2002. **Sistema de identificação animal**. Disponível em: <http://www.rapidata.com/rapidata/0004/ritrprc2b.htm>>. Acesso em: 7 maio 2002.
28. RIES, L. **Rastreabilidade X Realidade**. [S.l.: s.n.], 2002.
29. RODRIGUES, V.L. Sistema de produção de carne orgânica: a rastreabilidade como ferramenta para a certificação. In: III SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO DE GADO DE CORTE, Viçosa. **Anais...** Viçosa, MG, p. 1-12, 2002.
30. ROÇA, R.O.; MANÇO, M.C.W. Processos tecnológicos que podem atuar na maciez da carne. In: I SIMPÓSIO DA QUALIDADE DA CARNE. UNESP – JABOTICABAL, p. 1-8, 2003.
31. ROÇA, R. O. Tecnologia da carne e produtos derivados. Botucatu: Departamento de Gestão e Tecnologia Agroindustrial, FCA, UNESP, p. 201, 2000.
32. ROÇA, R.O. Abate humanitário: o ritual *kasher* e os métodos de insensibilização de bovinos. Botucatu: FCA/UNESP, 1999. 232p. Tese (Livre-Docência em Tecnologia dos Produtos de Origem Animal) - Universidade Estadual Paulista, 1999.
33. SAMPAIO, F.M. **Rastreabilidade e marketing**: Beefpoint. Disponível em: http://www.beefpoint.com.br/bn/conjuntura/artigo.asp?area=3&id_artigo=3180_&perM=7&perA=2002>. Acesso em: 17 jul. 2002.
34. SILVA JR, A.G. Gerenciamento informatizado aplicado à pecuária de corte. In: I SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO DE GADO DE CORTE, Viçosa. **Anais...** Viçosa, MG, p. 1-8, 1999.
35. SILVA, F. Biotecnologias Aplicáveis à produção de Bovinos de Corte no Brasil, II SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO DE GADO DE CORTE, Viçosa. **Anais...** Viçosa, MG, p. 34-56, 2001.
36. SILVA, K. N. **Rastreabilidade da carne bovina**. Disponível em: <http://www.sitedoboi.com.br/carne001.htm>>. 12 jul. 2002.
37. SHIMOKOMAKI, M. Princípios da qualidade da carne. In: I SIMPÓSIO DA QUALIDADE DA CARNE. UNESP – JABOTICABAL, p. 1-8, 2003.
38. USDA. 2003 - Serviço de Pesquisa Econômica do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. <http://www.usda.gov/nofear/allusda/2003.html>. Acesso em: 25 fevereiro 2005.
39. USDA. 2004 - Serviço de Pesquisa Econômica do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. <http://www.conab.gov.br/download/relgestao/relgestao2004/13-loss%C3%A1rio>>. Acesso em: 25 maio 2005.

Trabajo recibido el 11/10/2005, nº de referencia 110504_RED VET. Enviado por su autor principal, miembro de la [Comunidad Virtual Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org) ® . Publicado en REDVET® el 01/11/05. [Revista Electrónica de Veterinaria REDVET®](http://www.veterinaria.org), ISSN 1695-7504 - [Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org)® - [Comunidad Virtual Veterinaria.org](http://www.veterinaria.org)® - Veterinaria Organización S.L.® Se autoriza la difusión y reenvío de esta publicación electrónica en su totalidad o parcialmente, siempre que se cite la fuente, enlace con Veterinaria.org - www.veterinaria.org y [REDVET®](http://www.veterinaria.org) www.veterinaria.org/revistas/redvet y se cumplan los requisitos indicados en [Copyright](http://www.veterinaria.org) 1996-2005